

Tópicos Schopenhauereanos: a filosofia de Arthur Schopenhauer pela Antologia de Luiz Antônio de Figueiredo

Leandro Pereira de Castro

Elinaldo S. Meira

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de apresentar a composição do material didático, em formato de apostila, pensado e produzido pelo Professor Luiz Antônio de Figueiredo, para estudos acadêmicos sob o título *O Pensamento de Schopenhauer e Antologia Progressiva*. A pesquisa concentra-se na apostila desenvolvida, tão-somente, para as aulas de Teoria da Literatura ministrada pelo professor Figueiredo, assim como se constitui uma análise do pensamento schopenhaueriano. As leituras reflexivas, método utilizado para os estudos desta apostila, proporciona-nos a possibilidade de entender a maneira como ela foi talhada, e como se formou o pensamento do filósofo alemão, desde suas bases argumentativas até sua cristalização. Sua filosofia, marcada pelo pessimismo, e por uma paixão incontida pela crítica filosófica, é apreciada por muitos e temida por outros tantos. Através de uma redação, impecavelmente esculpida, Schopenhauer anuncia a Vontade como o elemento que configura a causa das dores do mundo. Sua força, irascível e destrutiva, encontra seu grau máximo de objetivação no homem, haja vista sua manifestação consciente no mundo. Pelas vias proporcionadas pela *Antologia* de Figueiredo, podemos pensar o sofrimento no mundo, mas também o seu processo redentor no exercício da atividade humana.

Palavras-chave: Schopenhauer; antologia; filosofia; Luiz Antônio de Figueiredo.

INTRODUÇÃO

O pensamento de Schopenhauer se traduz na história da filosofia pela crueza e rigidez de sua fundamentação. A beleza da tecitura de sua composição não elimina o caráter de seu pessimismo diante do mundo, mas torna sua minuciosa elaboração mais leve e apetecível ao leitor. Na filosofia kantiana estão as bases que emprestam solidez às ideias sobre as dores do mundo do filósofo alemão. Dores essas, que passam pela insustentável necessidade de fazer a vida sobreviver a todo instante e a qualquer custo, seja nas criaturas viventes ou nas matérias inorgânicas.

Esta forma de pensar de Schopenhauer nos colocou na oportunidade de produzir este artigo que se desdobra de uma leitura bastante fiel do Professor Luiz Antônio de Figueiredo, um apaixonado da filosofia schopenhaueriana. Pela *Antologia* em torno do pensamento de Schopenhauer, projetado pelo professor Figueiredo para suas aulas de Teoria da Literatura, vamos nos aventurar nas riquezas proporcionadas pelo filósofo alemão.

A composição deste artigo se desenrola de forma a contextualizar como se deu o acesso à apostila do Professor Figueiredo, e como nela também encontramos as centelhas schopenhauerianas confundidas às escritas apaixonadas do professor. E, além do processo de arquitetura do texto, veremos os aspectos literais e físicos da apostila quanto à sua formatação.

Desta feita, partiremos para a organização do pensamento schopenhaueriano. Nesta parte da pesquisa, procuramos compreender os conceitos desenvolvidos na filosofia de Schopenhauer pelo viés da *Antologia*, e de obras paralelas do filósofo, de maneira a destrinchar a processualidade de seu pensamento. Ainda aqui, evidenciamos uma série de obras escritas por Schopenhauer que são frutos da sua obra capital *O mundo como vontade e representação*.

Inicialmente, o projeto desenvolvido para esta pesquisa nos apresentava percalços que inviabilizavam a sua realização em formato de um artigo, não cabendo, portanto, no

tempo compreendido para sua conclusão. O projeto trazia por tema - *O sofrimento frente à experiência da vida e a possibilidade da morte*, e a pergunta de pesquisa que questionava as causas do pessimismo do filósofo alemão.

A necessidade de pensar um novo tema para esta pesquisa provocou-nos, também, a oportunidade de estabelecer outros objetivos que nos permitissem sustentar a pesquisa, e emprestar a ela a importância necessária para a sua elaboração. Assim, nasceu a possibilidade de estudar uma antologia sobre o pensamento de Schopenhauer. Ao passo que nos imbuímos nesta tarefa de pesquisar, não somente o conceito de sofrimento para o filósofo, mas o todo de seu pensamento. Tivemos, a saber, a feliz oportunidade de prestar uma singela homenagem ao Professor Figueiredo, que tão oportunamente se apresentou, através de seus estudos sobre Schopenhauer, e de forma didática, apresentou-nos, brilhantemente, o pensamento do tão estimado filósofo. Este projeto esteve sob pesquisa por doze meses. Nesse período, fora apresentado no *V Simpósio de Filosofia*, realizado na FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação no primeiro semestre deste ano de 2015 sob o título de *Tópicos schopenhauerianos em a Antologia de Luiz Antônio de Figueiredo*.

1. Os estudos schopenhauerianos a partir de uma antologia

*Qui auget scientiam, auget et dolorem.*¹

Eclesiastes

O presente artigo desdobra-se a partir da apostila produzida, para as aulas de Teoria da Literatura, pelo Professor Luiz Antônio de Figueiredo. Tal material de pesquisa surge como proposta para pensar a filosofia, alcunhada pessimista, do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. A apostila traz por título *O Pensamento de Schopenhauer e Antologia Progressiva*, merecendo, pois, uma delonga sobre a escolha do título,

¹ Quem aumenta seu conhecimento, também aumenta sua dor.

discorreremos, mais adiante, sobre os elementos conceituais que constituem tal título, e que pela força de seu significado, requer especial atenção.

Este material de pesquisa, até então desconhecido, foi apresentado pelo Professor Elinaldo Meira, ex-aluno do Professor Figueiredo na disciplina Teoria Literária (ano de 1995), e hoje, orientador desta pesquisa. Esta, que teve modificações no tema e na proposta por sua densidade temática que inviabilizaria sua concretude para o formato de um artigo. Desta feita, as recordações do Professor Elinaldo Meira sobre os estudos de Schopenhauer pela apostila, arquitetada pelo Professor Figueiredo, deu-nos uma direção para pensar o filósofo alemão, ao passo que nos permite uma singela análise deste material produzido por um amante da literatura schopenhariana, e responsável por tão primoroso trabalho.

Para melhor estudarmos este material, faz-se conveniente um conhecimento prévio sobre o autor que acolheu o desafio de pensar as questões mais interiores do humano, e nos permitir ter acesso a um conhecimento de rara clareza.

1.1 Luiz Antônio de Figueiredo

Luiz Antônio de Figueiredo nasceu em 1946 na região de Marília, interior do estado de São Paulo. Amante da poesia e da literatura, formou-se em Letras pela UNESP- Universidade Estadual Paulista, com mestrado e doutorado na mesma área de conhecimento, e mesma Universidade.

Professor aposentado, titular da cadeira de Teoria da Literatura, Figueiredo lecionou na UNESP, *campus* de Assis, localizado no interior do Estado de São Paulo. Figueiredo é escritor e tradutor. Suas publicações mais conhecidas são a *Dublagem* de 1986 e *Poemas do tempo* em 1997. Uma de suas práticas educativas era a criação de apostilas com a finalidade de introdução ao pensamento de críticos, filósofos ou escritores como Jorge Luis Borges, Allan Poe, Herman Melville dentre outros.

1.2 Schopenhauer e a filosofia

Arthur Schopenhauer, filósofo alemão, nasceu a 22 de fevereiro de 1788, em Dantzig. Filho do comerciante atacadista Heinrich Floris Schopenhauer e de Johanna Schopenhauer, teve uma infância bastante conturbada. Obrigado pelo pai a dedicar-se aos estudos em preparação para a administração do comércio. Assiste a sua mãe gabar-se nas festas enquanto seu pai “permanecia no isolamento: ela se divertia, enquanto ele atravessava amargos tormentos.” (SAFRANSKI, 2011, p. 105)

Após o falecimento do pai, Schopenhauer, em 1807, por força persuasiva da mãe e do bibliotecário Fernow, entra para o colégio de Gotha aos 19 anos de idade para estudar línguas clássicas. Ali conseguiu cristalizar de forma bastante rápida seu conhecimento destas. Por conta de seu temperamento foi expulso da escola, haja vista uma sátira que fizera para com um de seus professores.

Em 1809 Arthur iniciava seus estudos universitários inicialmente em medicina na Universidade de Goetingen. Mas logo desistiu do curso de medicina, e tornou-se um estudante entusiasmado de filosofia. Em 1811 começa a frequentar a Universidade de Berlim, onde tem a oportunidade de conhecer o grande pensador, Fichte. Neste período de guerra contra Napoleão, Schopenhauer fica impedido de concluir sua graduação, de maneira que, transferindo-se para a Universidade de Jena, doutora-se com a tese *Sobre a raiz quadrada do princípio da razão suficiente*.

O laço que sustentava sua proximidade com a mãe estava afrouxando sobremaneira, dado as frivolidades desta. Isso marcaria um afastamento definitivo entre mãe e filho, posto a vida mundana da qual esta adorava participar. O ano de 1814 marca a separação definitiva de Schopenhauer e sua mãe. Arthur deixa a cidade de Weimar e muda-se para Dresde, onde passa quatro longos anos em processo de reflexão, e, em 1818, conclui a primeira das quatro partes da obra capital *O mundo como vontade e representação*.

Em 1820 obtém o título de *privat-docente* da Universidade de Berlim, prêmio concedido, dado o curso que fizera “sobre uma filosofia universal ou teoria da essência do mundo e do espírito humano”. O filósofo não consegue ganhar a afinidade do público

em suas aulas e renuncia ao direito de lecionar, passando ao isolamento e à meditação. Faz críticas bastante contundentes aos seus colegas professores, a saber: Schelling, Fichte e Hegel - acusando-os de “professores que vivem da filosofia, mas não para a filosofia.” (BERTAGNOLI *in* SCHOPENHAUER, 2012, p. 13)

Aos 43 anos, recolhido em sua biblioteca, “medita as coisas do mundo, escrevendo admiráveis ensaios.” (Ibidem, p. 13) Em 1851 lança *Parerga e Paralipomena*, um dos grandes escritos schopenhaurianos comparado à sua grande obra capital, e finalmente vê seu nome atravessar os territórios dos países cultos.

Em 21 de setembro de 1860 falece Arthur Schopenhauer, aos 72 anos de idade, deixando uma imensa obra reportada nos livros capitais: *O mundo como vontade e representação; Sobre a raiz quadrada do princípio da razão suficiente; A vontade da natureza; O livre-arbítrio; O fundamento da moral e Parerga e Paralipomena*. Além de pensamentos e fragmentos, como: *As dores do mundo; O amor; A morte; A arte e a moral*.

1.3 Das influências de Arthur Schopenhauer

A filosofia de Schopenhauer contém aspectos extremamente existencialistas, trazendo em seu cerne a grande problemática da existência humana e seus desdobramentos mais fatalistas. Sua construção filosófica parte de conceitos principais que são a “Vontade” e a “Representação”, e busca uma compreensão minuciosa da ação de tais conceitos em todos os seres vivos, nas matérias orgânicas e nas matérias inorgânicas.

O processo do desenvolvimento da filosofia schopenhaueriana passa necessariamente pelas leituras primorosas de Platão com sua teoria do “Mundo das Ideias”, e do conceito de “Sombra”, tal como se apresenta no “Mito da Caverna”. No entanto, um dos filósofos que mais influenciaram Schopenhauer no desenvolvimento de sua filosofia, e por ser responsável em fazer uma ruptura no âmbito da filosofia, mudando para sempre o rumo dos discursos filosóficos, foi Immanuel Kant.

O filósofo alemão, no decorrer de seus estudos de filosofia, na Universidade de Goetingen, tem contato com materiais de estudo acerca do budismo hindu que chegaram a ele por meio do orientalista Majer. Desse modo, ganhando grande conhecimento da mística oriental a partir das leituras dos livros sagrados dos Vedas, Puranas e Upanishads, Schopenhauer congrega uma filosofia única e de rara densidade de pensamento.

1.4 A filosofia schopenhaueriana e seu desdobramento na história da filosofia

A filosofia schopenhaueriana é uma trama bem alinhavada que tem por base os conceitos kantianos de “Fenômeno” e “Coisa-em-si”, sendo respectivamente aquilo que se nos apresenta por meio dos sentidos e cujo acesso é imediato ao nosso conhecimento e àquilo que não temos acesso, de modo a não podermos conjecturar nenhuma afirmação definitiva a respeito, pois transcende a nossa forma de compreender. Da mesma forma acontece com os conceitos em Schopenhauer de “Vontade” e “Representação” que configuram o alicerce do mundo, pois, para o filósofo, não há mais nada além disso.

O sistema filosófico desenhado por Arthur Schopenhauer constitui um dilema extremamente ético. Pelas bases kantianas, platônicas e místicas, inaugura uma filosofia que pensa o sofrimento no mundo e a inevitabilidade de sua ação sobre todos os seres. Tido como uma filosofia pessimista, mas que, no entanto, o leitor mais atento perceberá uma visão crua da realidade despida de todos os seus disfarces, apresenta-nos de forma lógica e orgânica o processo doloroso e dramático da existência, quando pensa sobre a afirmação da Vontade que exerce sua máxima potência em todas as coisas e de forma mais contundente nos seres vivos e no homem.

O legado de Schopenhauer pra a filosofia é bastante abrangente, haja vista o esforço que fez para compreender a existência, dado sua paixão pelo pensamento filosófico. Além das obras capitais já citadas anteriormente, o filósofo deixou admiráveis opúsculos acerca dos escritores e do estilo, da filosofia universitária e dos filósofos, da

religião, da ética, da política, do direito, da metafísica, da estética, das mulheres, da filosofia científica e natural, da história, da filosofia, das aparições, do budismo, da nicromancia, e tantos outros que formam dezenas de volumes.

A filosofia do alemão Schopenhauer traz uma literatura bastante refinada e muito original. Seu temperamento o faz redigir de forma destemida seus comentários a respeito daqueles que não apreciam sua visão de mundo e que a ele é tão cara. Assim se refere aos que têm aversão à sua forma de pensamento:

Só porque exprimo as coisas tais como elas são, terei de ouvir de novo que a minha filosofia é desesperadora, preferindo, as pessoas, que eu dissesse que Deus fez tudo segundo o melhor. Que essas pessoas, então, se dirijam à igreja, e deixem que os filósofos disponham suas doutrinas de forma a corresponder aos seus anseios. Isso, quem faz, são os filosofastros e os trapaceiros, aos quais podem encomendar doutrinas conforme ao gosto. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 122)

Das grandes contribuições que o filósofo nos permite apreciar está a sua capacidade racional de organizar uma filosofia suplantada na realidade. E, mesmo depois de não compreender uma existência criada para a felicidade, busca, através do ascetismo, uma forma de amenizar as dores do mundo por meio da negação da Vontade, esta, que não controlada, torna-se altamente destrutiva em sua naturalidade. Ou seja, para viver uma vida ética, os embates interiores serão necessários, e invariavelmente, sofreremos o tormento da abnegação da Vontade, mas sentiremos a alegria, mesmo que efêmera, de uma ética kantiana.

1.5 Aspectos da apostila do Professor Figueiredo

O material dessa pesquisa, como já fora mencionada em outra oportunidade anterior, baseia-se numa apostila preparada pelo professor Luiz Antônio de Figueiredo para as aulas de Teoria da Literatura na ocasião elaborada para auxiliar no estudo da obra *Moby Dick* e *Bartleby*, ambas do escritor americano Herman Melville. A apostila possui capa e folha de rosto, de maneira que a capa traz o título da apostila, a saber: O

Pensamento de Schopenhauer e Antologia Progressiva. Além do título, também localizamos o Nome do autor, o local e o ano em que o material foi produzido, sendo estes respectivamente, Luiz Antônio de Figueiredo que escreve o material, na cidade de Assis, no ano de 1995.

A folha de rosto da apostila traz o título *O Pensamento de Schopenhauer* com uma epígrafe em latim e posteriormente traduzida para a língua portuguesa, desta forma: *Vitam impendere ver*, traduzido do latim temos - “Consagrar a vida à verdade”, escrita por Juvenal.

Todas as páginas são numeradas e rubricadas pelo autor. Ao todo temos uma produção de 50 páginas de escritos sobre o pensamento schopenhaueriano. O material não teve nenhuma publicação por nenhuma editora, de maneira que foi arquitetada exclusivamente para aulas, e assim foi da vontade do autor, de modo que nenhuma página fora exposta publicamente para fins lucrativos.

Esta apostila constitui uma antologia progressiva do pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Desta feita, como observado anteriormente, discorreremos de forma breve sobre os conceitos de “Antologia”, “Progressiva” e “Pensamento”, para melhor compreendermos o trabalho do Professor Figueiredo que tanto se dedicou em resgatar uma obra prima da literatura e da filosofia alemã que é a obra mais primorosa de Schopenhauer - *O mundo como Vontade e Representação*.

A “antologia” baseia-se num apanhado de textos mais relevantes de uma obra densa, ou de textos diversos de um mesmo autor para facilitar o processo pedagógico de investigação e estudo. O termo provém do grego *anthos* que significa “flor”, e *lego* que carrega por significado - “escolher”. Desta maneira, formamos a palavra “florilégio” que significa uma coleção de flores. O termo antologia passou a ser usado apenas após o século XVIII, de modo que se usava, antes disso, de praxe, para significar a mesma coisa, as palavras: cancionero, flores, florilégio, romanceiro, silva, silvas. Assim, a palavra “antologia” ganhou um destaque importante, nestes dois últimos séculos, para elucidar as atividades educativas.

O conceito de “progressivo” não muito equidistante de ser compreendido, quer dizer de algo que progride sucessivamente cada etapa de um processo em que há um aumento, crescimento, agravamento, etc. No entanto, a palavra “progressivo” traz o contexto de uma antologia progressiva do pensamento Schopenhaueriano. Logo, podemos afirmar nas palavras do próprio autor que

Ela segue os passos da obra *Capital O mundo como vontade e representação*, da ontologia à estética, e desta à ética. Primeiramente, a Vontade será definida como a coisa-em-si, seguindo-se os argumentos e exemplos que justificam esta postulação ontológica; a parte dedicada à estética articula o conceito de Vontade ao de beleza, tanto nos elementos naturais quanto nas produções artísticas do homem; finalmente, Schopenhauer estabelece a ética, fundamentada no Novo Testamento e na doutrina brâmane: a redenção através da negação da Vontade. (FIGUEIREDO, 1995, p. 6)”

A apostila segue de forma bastante competente os escritos desdobrados do pensamento de Schopenhauer, de forma a nos oferecer criteriosamente as ideias que se desenham a partir de sua observação do mundo.

Apresentados os dois primeiros conceitos, passamos para o último deles que se refere ao “pensamento”. O pensamento na filosofia indica uma atividade cognitiva e racional, ou conhecimento por meio de conceitos. Aqui trazemos o conceito de pensamento atrelado a um complemento que é o “pensamento de Schopenhauer”. O filósofo, em suas obras, parte de uma série de conceitos para fundamentar seu pensamento, sejam eles os conceitos de Vontade, Representação, Fenômeno, Coisa-em-si, Sombra, Mundo das Ideias, Véu de Maya, Intuição e uma série de tantos outros. Observado isso, encontramos, na antologia estudada, tais conceitos sendo enfatizados de forma a elucidar de forma bastante didática o pensamento do filósofo.

Os capítulos da apostila estão distribuídos em 77 tópicos, considerando a importância da progressão do pensamento, e em síntese, encontramos as ideias principais da grande obra-prima *O mundo como vontade e representação* que nos empresta uma visão peculiar do sofrimento no mundo e sua inevitabilidade. Assim, veremos, no próximo item, os principais conceitos e pensamentos do filósofo que se

constituem de forma única na história do pensamento filosófico, pela ótica da antologia progressiva, tão bem tecida pelo Professor Figueiredo.

Para encerrar essa análise sobre os aspectos do material pesquisado temos o registro da assinatura do Professor Figueiredo, a cidade e o ano de conclusão do documento que segue desta maneira: Assis, ano letivo de 1995.

2. A sistematização do pensamento do filósofo

A vida é uma simples sombra passageira.
Macbeth. Shakespeare

Este passo da análise da apostila que se segue, permite-nos pensar as obras schopenhauerianas utilizadas na tecitura da antologia. De maneira breve, discorreremos sobre a forma processual do pensamento do filósofo, ou seja, como o filósofo busca construir as bases do seu pensamento, a fim de emprestar a sustentação necessária para suas afirmações e clareza ao entendimento do leitor.

A construção da apostila tem muito da identificação do Professor Figueiredo com o pensamento de Schopenhauer. Amante da literatura schopenhaueriana, Figueiredo, de forma brilhante, congrega as principais obras, e inaugura uma trama bem costurada do pensador. Este, que não tem a pretensão de responder a todas as questões, mas, que enriquecido do espírito filosófico, pensa que “*est quadam prodire temus, si non datur ultra* - é produtivo avançar até certo ponto, se for impossível ir além.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 3)

2.1 Das obras schopenhauerianas utilizadas para a construção da antologia

A principal obra de Schopenhauer utilizada para a formação da antologia foi *O mundo como vontade e representação*. As demais obras, como: *Sobre a vontade na natureza* e *Parerga e Paraliponema*, segundo Figueiredo (1995), não passam de obras

que se servem de comentários da mais famosa obra do filósofo. De modo que o livro *Sobre a vontade na natureza* diz de um cauteloso apanhado de dados científicos, nas mais diversas, áreas para demonstrar a prioridade natural da Vontade, e o Segundo citado aborda temas éticos.

São obras extremamente sistemáticas e orgânicas, ou seja, cada parte dos escritos corroboram com o todo. Assim, “*O mundo* obedece a uma rigorosa hierarquia, em escala ascendente, desde o grau inferior do mundo inorgânico, até o mais complexo do ser humano, passando intermediariamente pelos reinos vegetal e animal.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 4)

2.2 O desenvolvimento do pensamento schopenhaueriano

A filosofia é esta forma aprimorada de explorar todas as possibilidades humanas, em sua realidade mais inóspita, e a partir dela, fazer indagações e considerações para o melhoramento das condutas do homem e a descoberta do sentido de sua existência, tal qual ela se apresenta. Dessa forma, Schopenhauer se propõe a pensar a força vital do humano, e aquilo que o coloca diretamente, num embate constante, a procura de sua satisfação. E, para pensar a realidade trágica, já apreendida por sua extrema capacidade perceptiva, o filósofo traça uma linha metodológica, de modo a pensar a racionalidade como causa da angústia nos seres humanos, e as sensibilidades, como causa da dor nos animais.

A racionalidade é aquilo que nos diferencia, segundo Schopenhauer, dos nossos irmãos desprovidos de razão, os animais. Estes vivem no presente, nós, constituídos de inteligência, vivemos no presente e para além, no passado e no futuro. Deste modo, excedemos as possibilidades dos animais sobremaneira. “O animal sente e percebe, o homem pensa e sabe; ambos querem. O animal comunica as suas sensações e o seu humor através de movimentos e de gritos; o homem desvenda ou esconde do outro os seus pensamentos com a ajuda da linguagem”. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 45)

Esta diferenciação entre animal racional e o desprovido de razão, quer justificar apenas que ao homem foi dada uma capacidade inimaginável de possibilidades e articulação de pensamento, graças à linguagem a que este foi dotado. Com o uso da linguagem as instituições foram concebidas: a civilização, o Estado, a ciência, a reflexão, os dogmas religiosos, as superstições, etc.

Os homens, portanto, são capazes da intuição e portadores de grande saber. A distinção entre essas duas espécies, o animal e o animal racional quer apenas anunciar algo que é para o homem a razão de sua predileção entre as demais espécies, mas também o seu infortúnio.

Nas plantas, ainda não há sensibilidade: por conseguinte, não há dor; nos animais mais ínfimos, os infusórios e os radiados, apenas um fraco começo de sofrimento; mesmo nos insetos, a faculdade de receber impressões e de sofrê-las é ainda muito limitada. É preciso chegar aos vertebrados, com o seu sistema nervoso completo, para vê-lo aumentar ao mesmo passo da inteligência. Assim, conforme o conhecimento se ilumina, a consciência se eleva, a desgraça também vai crescendo; é no homem que ela atinge seu mais alto grau, e aí também se eleva tanto mais quanto o indivíduo tem uma visão mais clara, é mais inteligente: é aquele em quem o gênio reside que mais sofre. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 325).

Ora, o sofrimento perpassa toda a realidade humana, e é um elemento a se pensar até mesmo nos animais, seres tão-somente sensíveis, mas com mais propriedade no proceder humano. Não estamos pensando no sofrimento que causa dor no corpo, porque esta é suportável e previsível. Mas aqui, no filósofo Schopenhauer, temos a oportunidade de refletir as dores afetivas que nos tangem pela racionalidade e sensibilidade.

A vida não é vista como um presente, mas como um peso que devemos suportar, pois “é preciso notar bem, por um lado, o sofrimento e as mágoas chegam facilmente a um grau em que a morte se nos torna desejável e nos atrai sem resistência.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 328). Logo nos colocamos a fugir de modo incontestável de tudo aquilo que nos causa tédio e dor. Procuramos qualquer distração. E, advém-nos “o desejo de nos livrarmos do fardo da existência, de torná-lo, insensível, de matar o tempo, o que quer dizer fugir do aborrecimento.” (Ibidem, p. 328)

Este pequeno preâmbulo nos coloca no centro da filosofia schopenhaueriana. No entanto, o leitor mais apressado tenderá a concluir que nos referimos a um filósofo ressentido que imagina uma vida sem nenhum sentido concreto. Ora, em pequenas parcelas de verdade sobre seu pensamento, podemos acreditar nisso também, pois segundo ele, o melhor mesmo seria não termos nascido, pois tudo que é vivo caminha do sofrimento ao tédio, e, por fim, à morte, aquela que nos recorda Ariano Suassuna em o *Auto da compadecida* como sendo “aquilo que é marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo que é vivo, morre.” (SUASSUNA, 1981, p. 134)

Por conseguinte, o filósofo, de forma prodigiosa, permite-nos pensar a existência de maneira bastante ordinária e concreta. Sua filosofia, bastante realista, causa um estranhamento constrangedor naqueles que negam uma vida fadada ao fracasso. Embora esta esteja carregada de pessimismo, proporciona-nos um pensamento ético, de maneira a burlar a “Afirmação da Vontade” presente em tudo que é vivo, e que se manifesta destrutivamente.

Posto isso, vejamos a seguir, como está alicerçado tal pensamento, definindo os principais conceitos Schopenhauerianos, ao mesmo tempo em que tecemos breves comentários, juntamente com as menções trazidas por Luiz Antônio de Figueiredo na sua *Antologia Progressiva*.

2.2.1 Sobre o conceito de Representação

O processo de construção do pensamento em Schopenhauer se dá de maneira bastante sistemática. O filósofo não se permite oferecer uma filosofia que não tenha bases profundas, pois a todo instante busca amparo na solidez do pensamento, a fim de evitar contradições e inequívocos.

Aos poucos, e analiticamente, a trama de suas ideias vai se apresentando em seus contornos mais inteligíveis. Ora, antes de chegarmos à essência das coisas é

necessário partir das obviedades, ou seja, daquilo que se mostra de maneira mais imediata ao nosso conhecimento.

Desta forma, Schopenhauer estabelece o conceito de “Representação”, e junto a este conceito, o filósofo busca equipará-lo aos conceitos de “Fenômeno” de Immanuel Kant; do “Mundo Sensível” ou “Mundo das Sombras” de Platão, e ao “Véu de Maya” do hinduísmo.

No pensamento de Arthur Schopenhauer, antes disso,

Nenhuma verdade é, portanto, mais certa, mais absoluta, mais evidente do que esta: tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é o objeto em relação a um sujeito. Percepção apenas, em relação a um espírito que percebe. Em uma palavra, é pura representação - *vorstellung*. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9)

Para ilustrar este pensamento, o filósofo traz uma série de exemplos que nos permite perceber as instâncias de suas projeções, e as impossibilidades de uma realidade sem o sujeito portador do conhecimento. Assim, segundo Arthur Schopenhauer, não existe Sol e terra, mas olhos que enxergam um Sol e mãos que tocam uma terra.

Da mesma forma, encontramos no dogma da escola vedanta a ideia de uma existência a partir da percepção do sujeito. Para os vedas a matéria não tem uma realidade independente da percepção do espírito, de modo que a existência e a percepção são termos que se equivalem.

A “representação” schopenhaueriana se manifesta nas mesmas proporções que a teoria do fenômeno de Kant. Ou seja, o fenômeno é aquilo que aparece literalmente, e que se oferece a nossa forma de conhecer que está submetida à *aprioridade* do tempo e do espaço. Isso nos coloca “encerrados num mundo de puros fenômenos, logo estamos longe de saber, *a priori*, o que as coisas possam ser em-si-mesmas, e assim não podemos sabê-las *a posteriori*.” (KANT *apud* FIGUEIREDO, 1995, p. 4)

Para tanto, tais concepções estão diretamente entrelaçadas com o Mundo Sensível ou Mundo das Sombras de Platão e com o Véu de Maya hinduísta que, respectivamente, acontecem como uma manifestação que é tão-somente o que

podemos ter acesso, sem a possibilidade de chegarmos às verdades eternas e à projeção de uma ilusão que “substitui o ser íntimo e verdadeiro e, com isso, bloqueia toda possibilidade de se conhecer realmente.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 4)

A questão a se colocar é o que rege tudo isso que podemos perceber sensivelmente? Ou o que move tudo isso e para onde? Quais os limites, ou consequências da ação de tudo isso que pode ser percebido? O que está para além das representações, dos fenômenos, das sombras, ou das ilusões, estas que nos são apresentadas pelo Véu de Maya? Isso veremos neste próximo item que se segue, onde abordaremos sobre o conceito de Vontade.

2.2.2 Sobre o conceito de Vontade

A inauguração do conceito de Vontade em Schopenhauer se propõe a pensar algo que está para além das representações. A Vontade, segundo o filósofo, é a essência do mundo, um impulso cego e irracional que leva todo ente², desde o inorgânico até o homem, a desejar sua preservação.

Isso leva Schopenhauer a contrapor a Vontade e o conhecimento para rebater ao que os filósofos diziam ser a Vontade subordinada, ou uma mera função do conhecimento.

Para mim, o elemento eterno e indestrutível do homem, aquele que constitui, por decorrência, seu princípio vital, não é a alma, mas o radical da alma - e esse radical é a *Vontade*. O que denominamos alma, em si mesmo já é um composto - a união da Vontade com o *vouç*, o *intelecto*. (FIGUEIREDO, 1995, p. 5)

Todo movimento do corpo é um reflexo da Vontade sobre a representação. Para tanto “a forma desse corpo é simplesmente a imagem global da Vontade, esta sim, o *agens*, em todas as funções orgânicas expressas exteriormente pelo corpo.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 5) Logo, a alma ou o intelecto são elementos secundários

² Ente é uma palavra muito comumente utilizada na metafísica. Aqui posta quer significar o ente real ou coisa, ou seja, tudo aquilo que pode ser percebido pelos órgãos do sentido e pelo intelecto.

postergados pelo organismo e por esse condicionado, segundo Figueiredo. A Vontade se manifesta de forma primária - o *prius*, ou em linguagem kantiana, como a coisa-em-si.

A objetivação da Vontade perpassa todas as estruturas dos seres vivos e dos seres inorgânicos como uma forma de fuga da aniquilação. “A *Vontade de viver* é a única expressão real do ser, até o mais íntimo do universo. [...] Tudo impulsiona, tudo se ativa para existir, imediatamente para a existência orgânica - para a vida - e para uma possível elevação para além dela.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 5) Assim, a Vontade age em tudo, de maneira cega e irrefreável na natureza, e em graus de objetivação distintos, respeitando a complexidade do organismo a que submete.

É elementar, neste ponto, fazer uma diferenciação entre a Vontade enquanto grau de objetivação, e a vontade pertencente ao senso-comum. Este se refere a um simples querer ou a um desejo consciente, e aquele não está sob nosso domínio totalmente consciente.

Por conseguinte, a Vontade schopenhaueriana está em relação com a coisa-em-si de Kant. Em Kant, a coisa-em-si está posto em paralelo com o mundo dos fenômenos, justamente porque a coisa-em-si é aquilo que nos movimenta, e que está para além da nossa capacidade de apreensão. Não sabemos o que é, ou como se processa sua ação nas coisas, mas podemos no limiar de nossa capacidade intelectual, especular a sua manifestação.

Em Platão, o conceito do Mundo Inteligível ou Mundo das Ideias é o que se equipara à Vontade. As “formas” de Platão

Não participam do espaço e do tempo, âmbitos do individual; são imóveis, não se submetem a mudanças, e sua existência é sempre atual. Estão além do devir, ao contrário da coisa individual, que nasce e morre, sempre em devir, sem jamais chegar a ser. (FIGUEIREDO, 1995, p. 6)

Ambas as concepções, sejam a Vontade de Schopenhauer; a Coisa-em-si de Kant, ou mesmo o Mundo das Ideias de Platão, colocam-nos na perspectiva de algo que não deseja se esgotar no tempo, por isso essa luta dramática e incontrolável pela

preservação da vida presente em todas as coisas existentes no mundo. Para Schopenhauer, há sofrimento em tudo, “a olho nu percebe-se que a Vontade de viver é o próprio princípio da natureza animal,” (Ibidem, p. 6) tanto que essa Vontade gera desespero diante de algo que a ameaça em sua existência.

Contudo, entre todos os seres viventes e existentes, o homem, por ser portador de uma inteligência racional e consciente, é o ser que mais está submetido às cirandas infundáveis da objetivação da Vontade. “Ele é feito de querer e carência: mil necessidades o oprimem e o acompanham em sua estada na terra, onde vive abandonado a si mesmo, incerto de tudo, só na certeza de suas carências e de sua aflição.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 12). Desta forma, o ser consciente o torna evoluído diante dos demais seres, ao mesmo tempo em que aumenta sua capacidade para o sofrimento, pois segundo o Livro de Eclesiastes: “*Qui auget scientiam, auget et dolorem*”, ou seja, “quanto mais conhecimento, mais sofrimento.” (Ecl 1, 18).

2.2.3 Sobre o conceito de Afirmação da Vontade

A Vontade é uma instância que atravessa a todo ser existente, e que o impulsiona para o desejo de viver, sem restrições. Isso nos ensina Schopenhauer (2001), quando nos diz, claramente, que a Vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana, sendo por consequência a fonte de todos os sofrimentos.

A dor a que se refere o filósofo é o desejo pelo qual os homens, mais que todos os demais seres, são consumidos. A afirmação da Vontade é essa necessidade de sentir-se satisfeito a todo instante, pois

É da natureza humana projetar desejos, realizá-los, projetá-los novamente, numa ciranda indefinida; o homem só se acalma e é feliz ao passar do desejo à sua realização, mas rapidamente forma um novo desejo: o retardamento da realização o faz sofrer, a ausência do desejo causa-lhe uma dor estéril, o tédio. (FIGUEIREDO, 1995, p. 36)

A afirmação dessa Vontade nas coisas, e de forma mais contundente no humano, é o querer, o querer mais que o próprio querer. É a manifestação do individualismo, e, por conseqüência, o esquecimento do outro. Essa força desarmonizadora vigora em todos, de maneira, diz Schopenhauer (2001), incontestável, violenta e egoísta.

A luta de todos os seres vivos, como já o dissemos, consiste na manutenção dos desejos e da preservação da vida. Essa Vontade de vida que se desdobra em afirmação da vontade a todo custo, chama-se “desejos”. São eles os responsáveis por eternizar a insatisfação, de maneira mais consciente, no homem.

É notável que o processo do sofrimento faça parte de toda a realidade humana. Somente o homem tem consciência de sua existência, e dela faz a experiência. Sofremos porque pensamos. Sofremos porque vivemos e porque não conseguimos viver o que desejamos, e é na proximidade da morte que aumentamos a dor diante do desejo que não se realiza. A morte é, na história da humanidade, o fim de todas as possibilidades humanas, mas também é a força vital que apressa o processo de satisfação do viver.

A inevitabilidade da dor e do sofrimento é certa, o que leva Schopenhauer a afirmar que “o sofrimento é para todos a essência da vida, nenhum lhe escapa” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 330), ou melhor, “a dor é, inevitável; os sofrimentos banem-se uns aos outros; este apenas vem para tomar o lugar do precedente”(Ibidem, p. 331). Mas ainda que não seja possível um contentamento completo, Schopenhauer pensa que a felicidade pode ser alcançada pela arte, pela poesia e pela música, “mas, depois dela, já não há mais nada a fazer, e, quanto a sustentá-la um pouco mais de tempo, isso seria uma monotonia fatigante sem significado, e que traduz o aborrecimento.” (Ibidem, p. 337)

O tempo é aquilo que nos inquirir ao uso da razão, e que questiona o tempo de todas as nossas ações, além de nos limitar na vida pela força de suas regras e de seus tormentos corporais. Assim pensa o filósofo: “Também contribui para o tormento de nossa existência, e não pouco, o impelir do tempo, impedindo-nos de tomar fôlego, perseguindo todos qual algoz de açoite.” (SCHOPENHAUER, 1999, p. 278) E, para conseguir fugir do sofrimento, o qual nos aflige, precisamos esquecer o tempo - Desprendermo-nos do passado, do futuro e das cruzes do tempo presente.

Contudo, e embora a afirmação da vontade, seja essa força aniquiladora que nos faz sofrer, causando-nos a dor de existir, o filósofo nos ensina que as dores e os desejos insatisfeitos nos recordam das nossas ausências em nós mesmos.

Se nosso corpo está saudável, não pensamos nele, mas somente no ponto em que o sapato nos machuca. Se as coisas vão bem, pensamos em detalhes insignificantes, que nos entediam. Tenho sempre lembrado que o bem-estar e a felicidade são negativos, e a dor, ao contrário, positiva. [...] Os dias mais agradáveis correm mais rápido, os dias dolorosos se arrastam lentamente, porque a dor e não o prazer, é o elemento positivo, cuja presença se faz sentir por si mesma. Igualmente, só temos consciência do tempo nos momentos de tédio, não nos instantes agradáveis. (FIGUEIREDO, 1995, p. 41)

Sofremos porque é da natureza humana esse grau máximo de sofrimento. Sofremos porque não conseguimos nos reconciliar com nossas dores cotidianas, e compreender que elas são necessárias ao nosso processo de amadurecimento e fortalecimento diante das asperezas que só a vida pode proporcionar.

Existe uma questão ética envolvida na afirmação da Vontade. Estamos pensando aqui uma Vontade que é extremamente ameaçadora à convivência com o outro e em si mesmo. A afirmação da Vontade baseia-se em um desejo que precisa ser realizado a todo custo, ainda que ele sobreviva em detrimento de um outro. Há, nessa instância, um conflito de querer, ações malévolas e egoístas, que geram dor e sofrimento ao seu portador, e à vítima.

A afirmação da Vontade é sempre um tormento. Está sempre carregada de muito pesar e descontentamento, no entanto, “a melhor forma de se consolar, em qualquer infelicidade ou sofrimento, é observar aqueles que são ainda mais infelizes que nós: e isso todos podemos fazer.” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 114) E, talvez essa seja a única felicidade que podemos sentir: Olhar para o lado e saber que alguém está em pior situação, então nos alegamos, mas ao observar o outro lado, percebemos que somos miseráveis, doentes e cegos, por que lá existe alguém em melhores circunstâncias que as nossas. Neste caso há o regresso dos tormentos que se apressam em nossa direção.

2.2.4 Sobre o conceito de Negação da Vontade

A negação da Vontade é um deslocamento daquilo que é natural em todos os seres existentes no mundo. Mas somente no humano a negação da Vontade pode acontecer com maiores dimensões, pois é um ato da consciência de si no mundo que se processa pela inteligência.

Para negar a Vontade, o homem atravessa o sentimento de compaixão e passa a considerar não apenas a sua vontade de viver, mas infere, também, que existe um outro de si com os mesmos infortúnios.

O abandono de si mesmo é uma das características principais da negação da Vontade. Ou seja, a ação do humano eleva-se a ponto de superar seus instintos egoístas e, portanto, a ilusão da individualidade arquitetada pelo Véu de Maya, dimensão essa, em que o sujeito deseja, o tempo todo, dominar os outros seres.

Podemos classificar a negação da Vontade como afirmação da coletividade, negação da própria existência, esquecimento do eu, atos de amor e compaixão, percepção de que tudo está interligado e que tudo é vontade, etc.

Deste modo, Schopenhauer divide a negação da Vontade em duas categorias: A Ética, ou uma ação virtuosa de compaixão, e a Estética enquanto produção de arte e sua contemplação.

Por meio da ética nos desinstalamos das raízes que nos prendem tão-somente em nós mesmo, e nos colocamos, de forma íntegra, em direção ao outro, ou a nossa alteridade. Pelo pensamento de Schopenhauer, passamos a nos entender como uma espécie que precisa ser preservada a todo custo, e para isso negamos as Vontades individuais, para que o todo seja elevado. O sofrimento individual sobrevive, para que a espécie não desapareça.

A vida ascética transforma-se em um grande recôndito daqueles que negaram suas Vontades em função do amor ao próximo.

Eis os preceitos da moral hindu, radicalmente expressos nos *Vedas*, nos *Puranas*, e em seus poemas e mitos, nas lendas sagradas, em sentenças e regras de conduta: o amor ao próximo, com a renúncia absoluta de si mesmo; o amor universal, dirigido não somente à humanidade, mas a todo ser vivo; caridade levada ao ponto de desprezar até o que se ganha, penosamente, todos os dias. (FIGUEIREDO, 1995, p. 49)

Para o filósofo, a vida ética é o desdobramento de vida moral que busca assegurar o direito ao bem-estar daqueles que se fazem próximos. De maneira mais acentuada, encontramos essa forma de vida no “quietismo - renúncia de todo querer; no ascetismo - imolação premeditada da própria Vontade; e no misticismo - a consciência da identidade do próprio ser com o ser de todas as coisas, com a essência do mundo.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 49)

A ética em Schopenhauer também se localiza na defesa pelo direito dos animais à vida e ao bem-estar no mundo. Para ele a “comiseração pelos animais está intimamente unida à bondade de caráter, de modo que podemos afirmar, seguramente: quem é cruel com eles não pode ser boa pessoa.” (Ibidem, p. 50)

Outra maneira de fugir à afirmação da vontade é a contemplação da arte e a sua produção. Figueiredo nos apresenta um panorama fiel do pensamento de Schopenhauer no que diz respeito a esta questão, em sua *Antologia* que tivemos o cuidado de analisar. Para ele a arte é uma fuga dos processos dolorosos da Vontade sobre nós.

A música contém algo íntimo e inefável, semelhante à miragem de um paraíso familiar, e, no entanto, eternamente inacessível. Com ser perfeitamente inteligível, a ao mesmo tempo inexplicável, ela revela todos os movimentos da nossa alma, até os mais ocultos, e os liberta da realidade e seus tormentos. (FIGUEIREDO, 1995, p. 39)

A contemplação da obra de arte e o momento da produção de uma arte nos liberta da força destemida da Vontade, ao passo que nos retira as correntes da angústia de ter que satisfazer a todo instante os desejos que nos visitam. É o momento que a paz volta a habitar nossa casa, e nos permite um instante de calma. Nesse instante conseguimos o governo de nós mesmos, mas esse é um governo provisório, e logo ele cairá.

2.3 Os Clássicos esparramados pelo pensamento

É interessante observar no pensamento schopenhaueriano a beleza estilística de sua filosofia, e a forma com que o autor ilustra suas convicções por meio dos clássicos do pensamento e da poesia.

Ao longo de sua filosofia, esta que é antologizada magistralmente pelo professor Figueiredo, podemos localizar autores e obras clássicas da história do pensamento que emprestam respaldo às argumentações filosóficas de Schopenhauer. São autores que influenciaram a escrita schopenhaueriana, além de revestir seu pensamento da mais genuína poesia, dando às suas arguições, forma, clareza e leveza.

Encontramos comumente as citações das *Epístolas* de Horácio - em latim *Quintus Horatius Flaccus*, que foi poeta lírico e satírico romano, além de filósofo. É conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga. Além de Virgílio Públio, também poeta romano clássico, autor de três grandes obras da literatura latina: *Éclogas*, *Geórgicas*, e a *Eneida*. Outros poemas menores, contidos na *Appendix vergiliana* a ele são atribuídos. Também encontramos passagens da *Ilíada* de Homero, importante poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* que acabamos de citar e *Odisseia*.

Outro grande nome da literatura que é muito lembrado é Calderón de La Barca, dramaturgo espanhol, ao citar uma de suas peças mais famosas *A vida é sonho*, e uma das menções mais significativas que ilustra a tragédia da vida humana: *Pues el delito mayor del hombre es haber nacido*.- “O crime mais grave do homem foi ter nascido”. Da mesma maneira encontramos na peça *Macbeth*, de Shakespeare, passagem semelhante ao que dá título à peça de Calderón: “A vida é uma simples sombra que passa (...); é uma história contada por um idiota, cheia de ruído e de furor e que nada significa”.

São autores que pensam a vida humana e a sua natureza que está fadada aos erros e à tragédia. E, sabedores dessa dinâmica, costumam grandes obras que por vezes se desdobram em dramas cômicos e trágicos. Obras clássicas, como as de Shakespeare

nos faz pensar os desafios que a vida nos proporciona e o cansaço que significa ter que viver junto à nossa alteridade. Uma vida que passa apressadamente e na qual precisamos nos adiantar a todo instante, pois assim é descrita em *Hamlet*: “A vida humana não dura mais que a contagem de um”.

As obras shakespearianas, recorda-nos Figueiredo, presentes no pensamento de Schopenhauer são: *Otelo*, *O mercador de Veneza*, *Romeu e Julieta* e *Hamlet* anteriormente citado.

Fazem parte de elenco outras raridades como: as citações de Décimo Júnio Juvenal, poeta e retórico romano, autor de inúmeras Sátiras; *Fedra* de Eurípedes; *Antígona* e *Édipo rei* de Sófocles; *Tancredo* de Voltaire; *A noiva de Messina*; *Clavigo* e *Fausto* de Goethe; entres outros grandes autores da história do pensamento clássico. Outras menções são feitas a filósofos capitais, como: Pitágoras, Sócrates, Aristóteles e Platão.

3. Considerações finais

A composição desse presente artigo esteve embalada no propósito de apresentar o pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer pelas vias do olhar de um amante da sua filosofia. Embebido de um entusiasmo literário, filosófico e poético, o Professor Luiz Antônio de Figueiredo, sistematiza, em forma de material didático, para as suas aulas de Teoria da Literatura, uma apostila com o título: *O pensamento de Schopenhauer e Antologia Progressiva*. Um material revestido da riqueza schopenhaueriana que nos empresta as possibilidades de desbravar as nuances conceituais deste grande pensador.

Pelos estudos em torno da apostila, tivemos a oportunidade de descobrir a grandeza do pensamento do filósofo alemão, e a sua perspicácia orgânica em arquitetar as ideias de maneira a não deixar nenhuma forma de pensamento obscurecido. Percebemos na *Antologia* uma narração fiel à obra-prima e capital de Arthur Schopenhauer *O mundo como vontade e representação*, que constitui a base de todas

as suas demais obras, ou de todo o seu pensamento que se desenha de forma única e original na história da filosofia.

A leitura do filósofo pelo Professor Figueiredo faz-nos encontrar, em sua *Antologia*, não somente as trilhas do filósofo alemão, mas uma leveza musical em seu estilo literário, além de nos proporcionar, pela sua maneira bastante didática, o conhecimento de um dos maiores filósofos contemporâneos que já tivemos. Sua filosofia foi responsável por influenciar outros grandes nomes da filosofia, como foi o caso do também filósofo alemão Friedrich Nietzsche, também seu aluno.

A apostila nos apresenta de forma clara e objetiva a filosofia de Schopenhauer, pois, por meio de uma antologia, Figueiredo nos mostra, de forma progressiva, como se dá o processo de fundamentação de suas ideias até o seu desfecho. Pode-se perceber claramente, desde o início, embora o filósofo esteja no processo inicial da construção de pensamento, a questão central a que este remonta. Isso faz do seu pensamento um território de lucidez.

Os estudos do material didático nos proporcionaram uma análise da apostila, enquanto material físico, ou seja, buscou-se exprimi-la tal como ela foi concebida e se encontra, assim como pensar a sua função primeira, que é fazer comunicar a riqueza do pensamento schopenhaueriano.

Através deste breve espaço de conhecimento, mas grandioso em significado, tivemos a oportunidade de tomar ciência do riquíssimo trabalho do professor Luiz Antônio de Figueiredo. Mestre dedicado quase que exclusivamente à beleza da literatura e às suas imensas possibilidades. Estimulado pela paixão, ao mesmo tempo em que se deleita de seu trabalho, compõe brilhantemente uma antologia de Schopenhauer, contemplando todos os aspectos de seu pensamento; proporcionando-nos uma visão sistemática e didática da obra do filósofo, e tornando a digestão de tão abastado pensamento, mais palatável e estimulante.

Portanto, e ao fim e ao cabo, parece-nos que a trama destas linhas ferozes e surpreendentes que nos acompanharam até aqui, favorece um acesso democrático à filosofia de Arthur Schopenhauer, e assim tomamos o cuidado, para que desta forma

fosse. Uma filosofia construída a partir de bases sólidas, e tecida por contornos suavemente poéticos e extremamente filosóficos.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

FIGUEIREDO, Luiz Antônio de. **Trabalhos didáticos: O pensamento de Schopenhauer e Antologia progressiva**. Assis: UNESP - Assis, 1995. Apostila xerografada.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte. Metafísica do amor. Do sofrimento do mundo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **O livre-arbítrio**. Biografia e prefácio de Afonso Bertagnoli; tradução de Lohengrin de Oliveira. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER. **Parerga e Paraliponema**. In: Os Pensadores. 5ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 17 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1981.